

O processo de envelhecimento nos filmes: estigmatização, enfrentamento e intergeracionalidade em *Up – Altas Aventuras*

The aging process in films: stigmatization, confrontation and intergenerationality in “Up”

El proceso de envejecimiento en el cine: estigmatización, confrontación e intergeneracionalidad en “Up – una Aventura de Altura”

Fernanda Nelli Gomes Giuliani
Luísa Veríssimo Pereira Sampaio
Gustavo de Azevedo Carvalho
Karla Helena Coelho Vilaça e Silva
Maria Liz Cunha de Oliveira

RESUMO: O objetivo do estudo foi explorar o contato intergeracional encontrado no filme *UP - Altas Aventuras*, utilizando-se a Análise de Conteúdo para classificação dos temas encontrados na história, que embasaram a discussão. Conclui-se que o relacionamento intergeracional promove benefícios no processo de construção de estereótipos positivos, valorização do idosos, e pode auxiliar positivamente no processo de enfrentamento da aposentadoria e viuvez.

Palavras-chave: Cinema; Intergeracionalidade; Idoso.

ABSTRACT: *The objective of the study was to explore the intergenerational contact found in the film “UP”, using Content Analysis to classify the themes addressed in the story, which embased the discussion. It is concluded that the intergenerational relationship promotes benefits in the process of building positive stereotypes, in valuing the elderly and can positively assist in the process of coping with retirement and widowhood.*

Keywords: *Cinema; Intergenerationality; Elderly.*

RESUMEN: *El objetivo del estudio fue explorar el contacto intergeneracional que se encuentra en la película “UP - Altas Aventuras”, utilizando Análisis de Contenido para clasificar los temas encontrados en la historia, utilizado para la discusión. Se concluye que la relación intergeneracional promueve beneficios en el proceso de construcción de estereotipos positivos, la valoración de las personas mayores y puede ayudar positivamente en el proceso de afrontamiento de la jubilación y la viudez.*

Palabras clave: *Cine; Intergeneracionalidad; Anciano.*

Introdução

O processo de envelhecimento é influenciado pela construção social e de seus significados em uma determinada cultura (Castro *et al.*, 2020). Assim também são as gerações e relações intergeracionais, resultados de transformações conceituais, religiosas, históricas, culturais, econômicas, ideológicas, entre outras (Côrte, & Ferrigno, 2016; Lima, 2007). Em cada fase da vida, os valores morais e as expectativas de conduta estabelecidos, são o que concretizam essa construção (Côrte, & Ferrigno, 2016).

Nesse sentido, o relacionamento intergeracional proporciona momentos de aprendizagem, troca de experiências e fortalecimento de vínculos entre as gerações, exercendo dessa forma, influência positiva na percepção que possuem entre elas (Massi *et al.*, 2016), ou seja, é possível promover mudança na mentalidade da comunidade em relação à imagem do idoso por meio de práticas intergeracionais (França, Silva, & Barreto, 2010).

Os filmes podem ser importantes meios de debates e reflexões em grupos, principalmente aqueles que levantam temas relacionados ao processo de envelhecimento (Santana, & Belchior, 2013). A presença de idosos nos filmes ajuda na reflexão a respeito de atitudes, valores e práticas sociais representadas (Siedler, 2013).

O recurso filmático pode ser fonte de contribuição para a perpetuação de estereótipos sociais (Fernandes, & Siqueira, 2010). Muitas vezes o idoso é retratado de forma negativa nos filmes, fato que pode estar vinculado a conceitos sociais existentes. Para contrapor essa realidade observada, há necessidade de que a mídia retrate o idoso evitando estereótipos que podem estigmatizá-lo (Santana, & Belchior, 2013).

Observando os indicativos positivos acerca do recurso filmático, o presente estudo tem como objetivo explorar a relação intergeracional nos aspectos relacionados aos estereótipos e estigmatização da velhice e do indivíduo idoso, preconceito e enfrentamento por meio da animação norte-americana “UP” (2009).

Método

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, descritivo e exploratório. O procedimento utilizado para analisar os dados foi o da Análise de Conteúdo (Campos, 2004).

As etapas realizadas foram as seguintes: pré-análise; exploração; apresentação de resultados e interpretação. A pré-análise constituiu em assistir ao filme escolhido duas vezes, selecionando as principais ideias e temas sobre o envelhecimento, apresentados nas cenas e diálogos da animação. Em seguida foi realizar a exploração do material, sendo feita a classificação dos temas em categorias. Por fim, foi realizada a reflexão e discussão dos temas destacados.

Resultados e Discussão

Os temas destacados com base nas cenas e diálogos do filme foram categorizados para discussão: relacionamento intergeracional, estigmatização dos idosos, estereótipos, apresentação do idoso na mídia, fortalecimento de vínculo, afetividade e enfrentamento.

Estereótipos e Estigmatização

O envelhecimento é um fenômeno que sofre influências históricas, políticas, econômicas, sociais e culturais (Tavares, 2020). O contexto sociocultural em que os idosos estão inseridos são fundamentais para a definição da velhice e não apenas a demarcação cronológica visando ao processo biológico. No imaginário social, envelhecer costuma ser sinônimo de sofrimento, solidão, doença e morte, pouco associando com algum prazer de viver essa fase da vida. Essa visão negativa, construída historicamente na sociedade, contribui para a estigmatização do idoso (Jardim, Medeiros, & Brito, 2006). Nesse sentido a desconstrução de estereótipos negativos exige esforço social (Teixeira *et al.*, 2016).

Contribuindo negativamente sobre esse aspecto, o idoso é frequentemente apresentado de maneira negativa no cinema, por exemplo, sendo metódico, rabugento, tímido e solitário (Santana, & Belchior, 2013). A mídia televisiva, ao retratar os idosos com estereótipos negativos, contribui para a dificuldade de aceitação do envelhecimento (Becca, 2017). De acordo com Castro *et al.* (2020) os estereótipos (que podem ser positivos ou negativos) são fontes de influência para a autopercepção de qualquer pessoa. O reforço aos estereótipos negativos relativamente à velhice tem, subjacentes, certos preconceitos culturalmente sedimentados, dirigidos às gerações mais velhas, os quais acarretam a discriminação social etária, fenômeno chamado por Butler (1969) de *Ageism*, ou sua forma aportuguesada Ageísmo, também chamado de Idadismo, ou Etarismo, ou preconceito geracional (Sousa, *et al.*, 2014; Souza-Guides, & Lodovici, 2018).

Nesse sentido, visando a lutar contra o preconceito manifesto e explorado nos dias de hoje, especialmente nas redes sociais, a mídia em geral pode/deve trabalhar, ao contrário, com uma imagem mais positiva da velhice (França, Silva, & Barreto, 2010), fazendo ver a “melhor forma de combater o preconceito [que é] aumentar nossa tolerância... aqui entendida não como conformismo, mas como aceitação da diferença [entre membros das diversas gerações]” (Sposati, 2011, p. 119). No filme em questão, o idoso é inicialmente apresentado como rabugento e solitário, isolando-se após a morte da esposa. Ao longo da trama, o convívio com uma criança e a troca de experiência vivenciada entre eles, contribuem para que se mude o comportamento desse idoso – consequência das relações intergeracionais estabelecidas.

Um dos aspectos que colaboram para a desvalorização da velhice, podendo gerar o medo de envelhecer ou de parecer velho, e afetar a autopercepção das pessoas, é a valorização do corpo e da força de trabalho jovem em nossa sociedade. Quando a mídia ressalta a beleza da juventude, o processo de aceitação do próprio envelhecimento pode ainda ser mais complicado (Araújo, & Silva, 2017; Becca, 2017). O preconceito contra o idoso, principalmente por parte dos indivíduos mais jovens, pode ser observado no dia a dia por meio de declarações verbais ou gestuais (Castro *et al.*, 2020), mas também pelos próprios idosos, como o de uma mulher de 70 anos: “*Ser velho é perder a beleza, a de fora e a de dentro*”; tais declarações fazendo ver que “o padrão de beleza implícito é o da juventude – beleza ‘perde-se’; não se admite a possibilidade de outros padrões ou de padrões alternativos; não há, para esse tópico, uma fala correspondente àquela que diz: ‘perde-se energia, mas ganha-se experiência’” (Concone, 2007, p. 25). Assim, reforçar a promoção de estereótipos positivos da velhice é uma forma de praticar a desconstrução social estabelecida, e uma forma de contribuir para esse processo fortalecendo-se através do contato intergeracional (Becca, 2017; Pascoal *et al.*, 2020).

Relacionamento intergeracional

O relacionamento intergeracional sempre existiu; entretanto na atualidade, é possível observar um distanciamento físico e afetivo entre as gerações, principalmente nas grandes cidades. Esse distanciamento enfraquece a troca de conhecimentos entre as gerações (Côrte, & Ferrigno, 2016).

Como forma de transformação social, visando à melhoria da comunidade e aqueles que a integram, a implementação de programas intergeracionais tem como objetivo a coeducação por meio de promoção de cooperação e troca de experiências entre pessoas de diferentes gerações (Côrte, & Ferrigno, 2016; França, Silva, & Barreto, 2010; Lima, 2008), promovendo também a socialização, atividades de lazer, melhora da qualidade de vida e bem-estar (Krug *et al.*, 2019).

Os locais para implementação de programas intergeracionais podem ser desde o ambiente familiar, as instituições de longa permanência, como também locais comunitários: clubes, escolas, igrejas entre outros; o importante é que ofereçam um ambiente adaptado para promover um espaço de troca de informações, percepções e

conhecimentos, bem com discussões e quebra dos preconceitos existentes entre as faixas etárias, visando ao bem-estar coletivo, atendendo as necessidades dos jovens e idosos participantes (França, Silva, & Barreto, 2010; Newman, 2011).

Programas intergeracionais podem ser executados nas áreas de educação, cultura, lazer e trabalho voluntário (Côrte, & Ferrigno, 2016; Lima, 2008). No filme em foco neste estudo, o primeiro contato intergeracional entre os protagonistas da história ocorreu pela ação voluntária do programa de escotismo do qual a criança fazia parte. De acordo com França, Silva e Barreto (2010), o trabalho voluntário é uma das formas de estabelecer relações intergeracionais, visto que une crianças, professores, e idosos de uma comunidade, além de exercitar a moral e a cidadania.

Nesse sentido, uma estratégia sustentável de valorização da transmissão de valores pode ser a promoção de programas nos modelos de aprendizagem-serviço que envolvam o currículo escolar dos jovens e a intervenção comunitária, sendo importante que as atividades exerçam algum significado para seus participantes, para que o envolvimento dos mesmos ocorra de forma genuína, conciliando os saberes e experiências das diferentes gerações (Roberto, Fidalgo, & Buckingham, 2014).

Atividades de práticas dialógicas voltadas à intergeracionalidade proporcionam aprendizagem, reflexão sobre posições estigmatizadas, preconceituosas, mudanças nas concepções sobre a velhice, quebra de estereótipos negativos, valorização de troca de experiências entre as diferentes gerações, fortalecimento de vínculo entre idosos e jovens (dos Anjos *et al.*, 2019; Massi *et al.*, 2016; Poltronieri *et al.*, 2015).

Um estudo recente (Ferreira *et al.*, 2019) teve como objetivo analisar a visão do envelhecimento veiculada por livros infanto-juvenis. Os autores evidenciaram efeitos positivos na formação de vínculo, afeto e amizade, tanto entre relações familiares (avós e netos ou idosos e seus filhos), quanto com pessoas sem relação familiar, como por exemplo, um vizinho. Esse exemplo reforça o apontamento de França, Silva e Barreto (2010) de que os programas intergeracionais realizados nas comunidades, escolas e organizações podem beneficiar jovens e idosos independentemente de laços familiares. É exemplar o caso apresentado na animação aqui em foco, *Up - Altas Aventuras*. O relacionamento intergeracional abordado na trama não manifesta apenas um vínculo familiar, mas uma construção positiva de formação de afeto entre gerações.

A troca de experiências intergeracionais pode ocorrer sem que haja contato físico entre os participantes e, ainda assim, proporcionar bons resultados como é o caso mostrado na pesquisa de Piovezan *et al.* (2016), que promoveu um programa intergeracional com troca de cartas entre idosos de uma instituição de longa permanência e jovens de um colégio privado. O objetivo foi propiciar aos dois grupos troca de conhecimentos, valores e habilidades. Mesmo sem uma aproximação física, o projeto proporcionou valorização de experiência dos idosos, melhorando a autoestima dos mesmos e reflexão sobre o senso de pertencimento, autoeficácia e restabelecimento de papel social. Com relação aos jovens, a troca proporcionou desconstrução dos preconceitos em relação à velhice, e possibilitou o compartilhamento de angústia e vivências de sua geração, estabelecendo um vínculo de amizade.

Exemplar também é a pesquisa de Santos (2019), com a “elaboração e a troca de correspondências entre crianças e idosos” (Ferrigno, 2019), em que ambas “as gerações ganham com essa troca de cartas(...), no sentido de todas as gerações tornarem-se responsáveis, além de si, pelas crianças, pelos velhos. Uma causa em favor da construção do presente e futuro humano, de uma sociedade para todas as idades” (Lodovici, 2019, 427).

Enfrentamento

O relacionamento intergeracional abordado no filme contribuiu positivamente no processo de enfrentamento do idoso, tanto na condição de aposentado quanto na condição de viúvo. O enfrentamento em relação à aposentadoria é diferente para cada pessoa e envolve uma trama complexa de experiências anteriores, podendo ocorrer de forma otimista ou pessimista (Alvarenga *et al.*, 2009; Canizares, & Jacob Filho, 2011). Os meios de comunicação podem auxiliar ou não na superação de desafios, de acordo com a forma em que a velhice é apresentada (Melo, Di Nucci, & Domingues, 2007).

O processo de enfrentamento aos eventos estressores na velhice apresenta-se de forma tão heterogênea quanto o próprio processo de envelhecimento. A estratégia de enfrentamento aos eventos é um processo individual desenvolvido ao longo da vida, podendo ser adaptado e aprimorado em cada situação específica. O efeito positivo das

relações sociais no processo de enfrentamento envolve amparo emocional, físico ou até financeiro (Neri, & Fortes-Burgos, 2011).

No caso da viuvez, a perda do parceiro acarreta impacto das manifestações afetivas, podendo acarretar diferentes reações como depressão, desespero, angústia, culpa, raiva, hostilidade e solidão (Doll, 2011). O luto é uma reação natural e consciente diante de uma perda, sendo necessário um certo tempo para que se transforme a dor da perda em boas lembranças (Goldfarb, 2016).

A aposentadoria, a viuvez, a diminuição das relações de amizade e a saída dos filhos de casa, são aspectos que podem inclusive contribuir para a diminuição de funções de um indivíduo (Poltronieri *et al.*, 2015). Essas situações podem favorecer o processo de isolamento social do idoso e, por sua vez, segundo Minayo (2019), impedir os idosos de melhorarem seu desempenho e levarem uma vida ativa.

Uma escuta atenta, e a mobilização das redes de apoio no processo de aposentadoria, podem contribuir com a construção de estratégias de enfrentamento (Antunes, & Moré, 2020). A condição de aposentadoria favorece, na maior parte das vezes, com que o idoso valorize suas interações com amigos e familiares, aumentando as oportunidades de convivência intergeracional com filhos e netos (Antunes, & Moré, 2020), mas há também situações em que os idosos buscam centros de convivência, a fim de manterem a integração social (Poltronieri *et al.*, 2015). Vale ressaltar que a participação social do idoso, um trabalho voluntário, a aprendizagem e a intergeracionalidade, são fatores associados ao sucesso de um “idoso ativo” (Boulanger, Albert, & Marsico, 2020).

No estudo realizados por Antunes e Moré (2020), a aposentadoria oportunizou o engajamento dos participantes em grupos comunitários e diversas práticas como pilates e dança. Segundo os autores, muitos idosos assumiram funções de coordenação dos trabalhos desenvolvidos, de modo a indicar um processo de reconstrução das redes nessa etapa da vida (Antunes, & Moré, 2020). A participação social dos idosos impede a solidão, contribui para a diminuição da perda funcional, e traz benefícios para o próprio idoso, pois o faz adaptar-se socialmente diante do processo de aposentadoria, e contribui com mudanças sociais (Boulanger, Albert, & Marsico, 2020). As experiências vividas pelo idoso no filme aqui em foco, sobretudo o relacionamento intergeracional, contribuíram de forma positiva no processo de enfrentamento, melhorando os

sentimentos de culpa, hostilidade e solidão do idoso. No final da animação, o idoso é mais presente na vida da criança e mais participativo nas atividades.

Conclusão

O tema apresenta grande relevância nos tempos atuais, tendo em vista a mudança na dinâmica familiar, com aumento crescente da relação entre gerações (Côrte, & Ferrigno, 2016; Guerra, & Caldas, 2010). A animação apresentada neste estudo pode ser vista como um recurso filmático rico em temas voltados ao envelhecimento, podendo proporcionar um debate em grupo e levantamento de reflexões importantes vivenciadas pelo idoso. Por se tratar de uma animação, os temas podem ser trabalhados com idosos e jovens, promovendo discussões e reflexões sérias, mas de forma leve, lúdica.

A forma como o idoso é retratado nos filmes é um dos meios contribuintes para a criação de estereótipos e estigmas, sendo um importante recurso nessa construção, bem como as relações entre gerações e programas intergeracionais. O relacionamento intergeracional apresentado no filme mostra a importância desse contato, no sentido de auxiliar o processo de enfrentamento do idoso em situações como luto e aposentadoria. Por fim, vale ressaltar que a convivência intergeracional promove benefícios para todas as faixas etárias envolvidas, independentemente de haver ou não um vínculo familiar entre elas.

Referências

Alvarenga, L. N., Kiyam, L., Bitencour, B., & Wanderley, K. S. (2009). Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso. *Revista Esc. Enferm. UPS*, 43(4), 796- 802. Recuperado em 30 julho, 2020, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000400009&lng=en&nrm=iso. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000400009>.

Antunes, M. H., & Moré, C. L. O. (2020). Repercussões da aposentadoria na dinâmica relacional das redes sociais significativas de aposentados. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 21(1), 95-106. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2020v21n109>.

Araújo, L. F., & Silva, R. J. S. (2017). Resiliência e velhice: um estudo comparativo entre idosos de diferentes classes sociais. Maringá, PR: *Psicologia em Estudo*, 22(2), 141-152. Recuperado em 30 julho, 2020, de: DOI: 10.4025/psicoestud.v22i2.32437.

Giuliani, F. N. G., Sampaio, L. V. P., Carvalho, G. de A., Vilaça e Silva, K. H. C., & Oliveira, M. L. C. (2021). O processo de envelhecimento nos filmes: estigmatização, enfrentamento e intergeracionalidade em *Up – Altas Aventuras*. *Revista Kairós-Gerontologia*, 24(1), 585-598. ISSNprint 1516-2567. ISSNne 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP

Becca, R. L. (2017). Age-Stereotype Paradox: Opportunity for Social Change. *The Gerontologist* 57(S2), S118–S126. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://doi.org/10.1093/geront/gnx059>.

Boulanger, D., Albert, I. & Marsico, G. (2020). Gerontagogy Toward Intergenerationality: Dialogical Learning Between Children and Elders. *Integr. Psych. Behav.*, 54, 269-285. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://doi.org/10.1007/s12124-020-09522-7>.

Butler, R. N. (1969). Age-ism: Another form of bigotry. *The Gerontology*, 9(4), 243-246. Recuperado em 30 julho, 2020, de: DOI: 10.1093 / geront / 9.4_part_1.243.

Canizares, J. C. L., & Jacob Filho, W. (2011). Fatores de risco à senilidade na transição à aposentadoria. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 425-432. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/CKScGPYyzTv4475x3Lc65Wk/?format=pdf&lang=pt>.

Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Brasília, DF: *Rev Bras Enferm*, 57(5), 611-614. Recuperado em 30 julho, 2020, de: DOI: 10.1590/S0034-71672004000500019.

Castro, B. R., Silva, G. O., Cardoso, A. V., Rocha, L. S., & Chariglione, I. P. F. S. (2020). A expressão do idadismo em tempos de Covid-19: Uma reflexão teórica. *Revista Kairós-Gerontologia*, 23(Número Temático Especial 28, “Covid-19 e Envelhecimento”), 479-497. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/51568/33669>.

Concone, M. H. V. B. (2007). Medo de envelhecer ou de parecer? *Revista Kairós-Gerontologia*, 10(2), 19-44. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2588>.

Côrte, B. & Ferrigno J. C. (2016). Programas Intergeracionais: Estímulo à Integração do idoso às demais gerações. In: Freitas, E. V., & Py, L. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan (pp.2379-2389).

Doll, J. (2011). Luto e viuvez na velhice. In: Freitas, E. V., Py, L. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1335-1349.

dos Anjos, J. S. M., Gomes, L., Oliveira, M. L. C., & Silva, H. S. da. (2019). Atitudes sobre a Velhice: Infância, Adolescência, Avós e a Intergeracionalidade. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(2), 147-165. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v11i2.2954>.

Fernandes, W. R., & Siqueira, V. H. F. (2010). O cinema como pedagogia cultural: significações por mulheres idosas. *Estudos Feministas*, 18(1), 101-119. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000100006>.

Ferreira, C. P. da S., Canuto, K. F., Araújo, K. M. L. de, Guimarães, H. A., Lins, A. E. dos S., Chiari, B. M., & Roque, F. P. (2015). A visão do envelhecimento, da velhice e do idoso veiculada por livros infanto-juvenis. *Revista Saúde Soc.* 24(3). São Paulo, 1061-1075. Recuperado em 30 julho, 2020, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000301061&lng=en&nrm=iso <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015133362>.

Ferrigno, J. C. [Prefácio]. In: Santos, D. de F. (2019), 07-13. *Intergeracionalidade: cartas na mesa*. São Paulo, SP: Portal Edições. ISBN: 978-85-69350-25-5.

Franca, L. H. de F. P., Silva, A. M. T. B. & Barreto, M. S. L. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? Rio de Janeiro, RJ: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia* 13(30), 519-531. Recuperado em 30 julho, 2020, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232010000300017&lng=en&nrm=iso <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000300017>.

Goldfarb, D. C. (2016). *Mal-estar, Luto e Envelhecimento na Contemporaneidade* In: Freitas, E. V., Py, L., et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2116-2122.

Guerra, A. C. L. C., & Caldas, C. P. (2010). Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Revista Ciência & Saúde Coletiva* 15(6). 2931-2940. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000600031>.

Jardim, V. C. F. da S., Medeiros, B. F., & Brito, A. M. (2006). Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 9(2), 25-34. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/tzGHq3mphTxJ5jtvX5pRM6z/?format=pdf&lang=pt>.

Krug, R. de R., Ono, L. M., Figueiró, T. H., Xavier, A. J., & d'Orsi, E. (2019). Programa intergeracional de estimulação cognitiva: Benefícios relatados por idosos e monitores participantes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3536. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/tzGHq3mphTxJ5jtvX5pRM6z/?format=pdf&lang=pt> <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3536>.

Lima, C. R. (2007). *Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

Lima, C. R. (2008). *Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Campinas, SP: Alínea. ISBN: 978-85-7516-291-0.

Lodovici, F. M. M. (2019). Posfácio: sobre relações de afeto entre crianças e velhos, via cartas manuscritas – a grandeza de uma obra, 421-429. In: Santos, D. de F. *Intergeracionalidade: cartas na mesa*. São Paulo, SP: Portal Edições. ISBN: 978-85-69350-25-5.

Massi, G., Santos, A. R., Berberian, A. P., & Ziesemer, N. B. (2016). Impacto de atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos. *Rev. CEFAC*, 18(2), 399-407. Recuperado em 30 julho, 2020, de: DOI: 10.1590/1982-0216201618223015.

Melo, D. M., Di Nucci, F. R., & Domingues, P. C. (2007). Imagens cinematográficas da velhice: um enfoque gerontológico. *Revista Kairós-Gerontologia*, 10(2), 75-90. ISSNprint 1516-2567. ISSNne 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2591/1645>.

Minayo, M. C. de S. (2019). O imperativo de cuidar da pessoa idosa dependente. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24 (1), 247-252. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018241.29912018>.

Neri, A. L., & Fortes-Burgos, A. C. G. (2011). *A dinâmica do estresse e enfrentamento na velhice*. In: Freitas, E. V., & Py, L., et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1507-1521.

Newman, S. (2011). Histórico, modelos, resultados e melhores práticas dos programas intergeracionais. *A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento*, 22(50), mar. (Publicação técnica editada pelo Sesc – Serviço Social do Comércio), 7-18.

Pascoal, D., Figueiredo, M. C., Afonso, C., Pereira, I. (2020). Vidas com história: intergeracionalidade para a promoção de atividades recreativas com idosos. *Revista da UIIPS – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém*, 8(1), 109-123. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://doi.org/10.25746/ruiips.v8.i1.19883>.

Piovezan, M., Bessa, T., Borges, F. S., Prestes, S. M., & Chubaci, R. Y. (2016). Troca de cartas entre gerações: Projeto gerontológico intergeracional realizado em uma ILPI de São Paulo. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(3), 137-153. ISSNprint 1516-2567. ISSNne 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/26620>.

Poltronieri, C. F., Costa, D. G. S., Costa, J. S., & Soares, N. (2015). Os desafios da construção da intergeracionalidade no tempo do capital. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(4), 289-309. ISSNprint 1516-2567. ISSNne 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP. Recuperado em 30 julho, 2020, de: DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i4p289-309>.

Roberto, M. S., Fidalgo, A., & Buckingham, D. (2014). O papel da solidariedade intergeracional no âmbito da literacia digital. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(2), 09-25. ISSNprint 1516-2567. ISSNne 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20831>.

Santana, C. S., & Belchior, C. G. (2013). A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(1), 93-116. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20343>.

Santos, D. de F. (2019). *Intergeracionalidade: cartas na mesa*. São Paulo, SP: Portal Edições. ISBN: 978-85-69350-25-5.

Siedler, M. J. (2013). Cinema e percepção do envelhecimento. *Extensivo*, 10(15), 101-109. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2013v10n15p101>.

Sousa, A. C. S. N., Lodovici, F. M. M., Silveira, N. D. R., & Arantes, R. P. G. (2014). Alguns apontamentos sobre o idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. Porto Alegre, RS: *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 19(3), 853-877. Recuperado em de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/50435>.

Souza-Guides, A. C. N., & Lodovici, F. M. M. (2018). O Idadismo/Ageísmo sob a escuta dos idosos: efeitos de sentido e a utopia de um novo envelhecer, 175-210. In: Lodovici, F. M. M. (Org.). *Envelhecimento e Cuidados – uma chave para o viver*. São Paulo, SP: Portal Edições.

Sposati, A. (2011). Feios, sujos e malvados – preconceito social, pp. 113-120. In: Pinsky, J. (Org.). *12 Faces do Preconceito*. São Paulo, SP: Contexto.

Tavares, M. A. (2020). Envelhecimento e trabalho na sociedade capitalista. *Revista Katálysis*, 23 (1), 143-151. Epub 27 de fevereiro de 2020. Recuperado em 30 julho, 2020, de: <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02592020v23n1p143>.

Teixeira, S. M. de O., Marinho, F. X. S., Vasconcelos, A. M. C., & Martins, J. C. de O. (2016). Da velhice estigmatizada à dignidade na existência madura: novas perspectivas do envelhecer na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(2), 469-487. Recuperado em 30 julho, 2020, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000200010&lng=pt&tlng=pt.

Filme

Up - Altas Aventuras (longa metragem - animação) (2009). (Peter Docter, Bob Pertenson, Dir.). EUA: Pixar/Disney.

Recebido em 27/09/2020

Aceito em 30/12/2020

Fernanda Nelli Gomes Giuliani – Fisioterapeuta. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília, DF.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7937-2039>

E-mail: nanda.giuliani@gmail.com

Luísa Veríssimo Pereira Sampaio – Fisioterapeuta, Universidade Católica de Brasília, UCB. Mestre em Gerontologia, UCB.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1457-9431>

E-mail: verissimo.luisa@hotmail.com

Gustavo de Azevedo Carvalho – Fisioterapeuta, Universidade Católica de Petrópolis, RJ. Mestrado e Doutorado em Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, UnB. Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia, UCB, Universidade Católica de Brasília, DF.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4155-1514>

E-mail: carvalhobsb@hotmail.com

Karla Helena Coelho Vilaça e Silva – Fisioterapeuta. Doutora e Mestre em Investigação Biomédica, Departamento de Clínica Médica, Divisão de Geriatria, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia, UCB, Universidade Católica de Brasília, DF.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4937-2396>

E-mail: karlav@ucb.br

Maria Liz Cunha de Oliveira – Enfermeira. Mestre em Educação e Doutora em Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, DF. Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia, UCB, Universidade Católica de Brasília, DF.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5945-1987>

E-mail: lizcunhad@gmail.com